

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SOINHO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Raimunda Alves Melo

*Doutora em Educação. Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)
do Centro de Ciências em Educação da Universidade Federal do Piauí. E-mail:
Raimundinhamelo@yahoo.com.br*

Dorismar Pereira da Silva

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo-CMPP/UFPI

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral, analisar as práticas de avaliação utilizadas pelos professores na Escola Família Agrícola (EFA) do Soinho, nas disciplinas de Biologia, Química e Física. Especificamente, objetivou: conhecer as concepções dos professores sobre avaliação da aprendizagem; identificar quais instrumentos de avaliação que os professores utilizam e discutir os avanços e desafios dos processos avaliativos desenvolvidos. Em relação aos procedimentos metodológicos, realizou-se pesquisa de campo, de caráter qualitativo e descritiva, com aplicação de questionário estruturado, contendo dez perguntas abertas relacionadas ao tema em discussão. Os resultados mostram que é importante formar continuamente os professores, a fim de que eles atuem como mediadores do processo de avaliação, tornando essa prática inclusiva e não segregadora, como tem sido predominantemente, construindo assim, uma cultura da avaliação como processual e necessária à qualificação dos percursos de aprendizagem escolar.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Escola do Campo. Ciências da Natureza.

EVALUATION OF LEARNING IN THE SOYBEAN AGRICULTURAL FAMILY SCHOOL: CHALLENGES AND PERSPECTIVES

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the evaluation practices used by teachers at the Soinho Family Agricultural School (EFA), in the subjects of Biology, Chemistry and Physics. Specifically, the objective was: to know the teachers' conceptions about learning evaluation; identify which evaluation tools teachers use and discuss the advances and challenges of the evaluation processes developed. Regarding the methodological procedures, a qualitative and descriptive field research was carried out, with the application of a structured questionnaire, containing ten open questions related to the topic under discussion. The results show that it is important to train teachers continuously, so that they act as mediators of the evaluation process, making this practice inclusive and non-segregating, as it has been predominantly, thus building a culture of evaluation as processual and necessary for qualification of school learning paths.

Keywords: Assessment of learning. Field School. Nature Sciences.

EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE EN LA ESCUELA FAMILIA AGRÍCOLA DEL SOINHO: DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo general, analizar las prácticas de evaluación utilizadas por los profesores en la Escuela Familia Agrícola (EFA) del Soinho, en las disciplinas de Biología, Química y Física. Específicamente, objetivó: conocer las concepciones de los profesores sobre evaluación del aprendizaje; identificar qué instrumentos de evaluación que los profesores utilizan y discutir los avances y desafíos de los procesos de evaluación desarrollados. En relación a los procedimientos metodológicos, se realizó una investigación de campo, de carácter cualitativo y descriptivo, con aplicación de cuestionario estructurado, conteniendo diez preguntas abiertas relacionadas al tema en discusión. Los resultados muestran que es importante formar continuamente a los profesores, a fin de que actúen como mediadores del proceso de evaluación, haciendo que esta práctica inclusiva y no segregadora, como ha sido predominantemente, construyendo así una cultura de la evaluación como procesal y necesaria para la calificación de los itinerarios de aprendizaje escolar.

Palabras clave: Evaluación del aprendizaje. Escuela de Campo. Ciências de la naturaliza

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação, a avaliação da aprendizagem tem sido utilizada, predominantemente, como exame de verificação da aprendizagem de conhecimentos escolares. Essa percepção é muito perigosa, uma vez que o processo avaliativo é bem mais amplo e possibilita aos professores, diagnosticar avanços e desafios da prática pedagógica, conhecer os conhecimentos obtidos pelos alunos e planejar intervenções, com vistas a garantir a aprendizagem de todos os estudantes.

Sem essa compreensão, a avaliação da aprendizagem acaba perdendo o seu foco, pois deixa de ser usada como forma de construir conhecimento e transforma-se em uma equação matemática, que inclui somar, dividir e obter uma média, que define e divide os alunos em aprovados ou reprovados. Entendemos que a avaliação tem que ser um instrumento aliado do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem e não apenas uma medição de informações, que são cobradas em provas escritas de forma mecânica.

Resulta dessas questões desafiadoras a necessidade de atenção redobrada sobre as práticas avaliativas, pois, é lançando mão de diferentes estratégias e instrumentos, que oportunizamos aos alunos, variados modos de expressão e demonstração das aprendizagens.

Com o propósito de contribuir para a desmistificação dessas questões, elegemos como tema de pesquisa, a avaliação da aprendizagem na Escola Família Agrícola (EFA) do Soinho, tendo como público alvo, professores(as) da referida escola e que trabalham com a área de Ciências da Natureza (Biologia, Química e Física).

Com os conhecimentos construídos por meio deste estudo, pretendemos contribuir para uma melhor compreensão do processo de avaliação da aprendizagem em escolas do campo, evidenciando os desafios e as perspectivas em torno das práticas desenvolvidas e pretendidas, possibilitando

ainda, uma análise do significado da avaliação e da sua importância como instrumento pedagógico para a construção do conhecimento.

O estudo teve como objetivo geral, analisar as práticas de avaliação utilizadas pelos professores na EFA do Soinho. E objetivos específicos: conhecer as concepções dos professores sobre avaliação da aprendizagem; identificar quais instrumentos de avaliação eles utilizam; e discutir os avanços e os desafios dos processos avaliativos desenvolvidos.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como do tipo qualitativa e descritiva, uma vez que, o propósito é conhecer as características de uma realidade, do ponto de vista de professores, evidenciando as diferentes nuances que envolvem o processo de avaliação da aprendizagem. De acordo com Minayo (2009, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos professores e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Além de incentivar os sujeitos a expressarem suas concepções sobre o tema, também oportuniza ao pesquisador, estar bem próximo do objeto investigado, proporcionando resultados mais nítidos. Para Minayo (2009), a abordagem qualitativa analisa e interpreta aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento das pessoas.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados, um questionário com dez perguntas abertas, que foram respondidas por três professores de Ciências da Natureza e que trabalham com as seguintes disciplinas: Biologia, Física e Química. De acordo com Gil (2009, p. 121), o questionário é definido “como um

conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, comportamento presente ou passado”.

O campo do estudo foi a Escola Família Agrícola do Soinho, localizada no povoado Soinho, zona rural de Teresina (PI). Esta escola pertence a Fundação Padre Antonio Dante Civiero e atende as populações do campo, quer seja de Teresina, quer de outras localidades, no intuito não só de oportunizar o acesso ao ensino profissional, mas, sobretudo, formar cidadãos do campo. Nesse sentido, oferece, por exemplo, o curso de Educação Profissional Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio.

A instituição possui em média 100 (cem) alunos matriculados no Ensino Fundamental Menor, sendo 30 (trinta) no primeiro ano, 36 (trinta e seis) no segundo ano, 17 (dezesesseis) no terceiro ano e 18 (dezoito) no quarto ano. O quadro pedagógico é formado por 14 professores, diretora, secretaria, bibliotecária e um técnico agrícola.

A organização do trabalho pedagógico se faz através da pedagogia da alternância, que conjuga teoria e prática, partindo de uma realidade concreta, vivenciada pelo jovem e sua família, com instrumentos próprios: planos de estudos, estágios, caderno de acompanhamento, aulas teóricas e práticas, projeto profissional, serões e visitas às famílias.

Os interlocutores do estudo foram três professores de Ciências da Natureza. A caracterização do perfil dos interlocutores, encontra-se detalhada no Quadro 01

Quadro 01: Perfil dos interlocutores

PROFESSOR	FORMAÇÃO INICIAL	FORMAÇÃO CONTINUADA	IDADE	TEMPO DE SERVIÇO COMO PROFESSOR
PROF 01	Biologia	Especialização na área de Biologia	58 anos	10 anos
PROF 02	Química	Mestrado na área de Química	30 anos	10 anos
PROF 03	Física	Mestrado na área de Física	33 anos	10 anos

Fonte: dos pesquisadores (2019)

O análise do perfil dos professores nos permite saber que todos possuem formação inicial e continuada na área de atuação, bem como, significativo tempo de experiência na docência.

Após a coleta dos dados, eles foram transcritos e organizados em eixos categoriais e analisados com o subsídio da técnica de Análise de Conteúdo, orientada por Poirier; Valladon e Raybaut (1999). O processo analítico organizou-se partindo de aspectos mais amplos para os mais específicos. Após a leitura analítica dos registros dos questionários, fizemos uma análise a partir das proposições, identificando a existência de significações e apreensões comuns, resultado de um saber que é socialmente elaborado e socializado.

APONTAMENTOS SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação necessita ser repensada como um processo contínuo, desenvolvido ao longo de toda a prática pedagógica, em diferentes tempos e espaços da escola, devendo ser pensada como uma aliada do professor no processo de ensino e aprendizagem e não como uma ferramenta para punir os alunos. Para que possamos falar de avaliação, faz-se necessário recorreremos ao conceito, sua dimensão e sua aplicabilidade e implicações, pois, segundo Libâneo (1994, p. 195):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Conforme a análise do autor, a avaliação é uma atividade constante na vida escolar dos docentes e discentes, pois, é através dela, que professor terá condições de planejar e executar intervenções, com vistas a garantir a

aprendizagem de todos os alunos. Assim, precisa ser entendida como uma ferramenta sempre presente na prática pedagógica, constituindo-se como elemento vital no processo educacional: no ensino e, notadamente, na aprendizagem.

A avaliação deve ser entendida como um processo de aprendizagem e não com um ato de decorar conteúdos, assim, ela faz parte de um contexto bem mais amplo, na área educacional, pois contribui também, para o exercício de cidadania e de emancipação do cidadão na sociedade. A respeito disso, Luckesi (1999, p. 174) ressalta que “a avaliação apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão”.

No entanto, sabemos que nem sempre a avaliação é entendida como suporte de aprendizagem para o aluno, mas apenas como medição de competências e habilidades que o aluno tem que mostrar para ser aprovado no final do ano, isto é, uma avaliação conteudista, feita única e exclusivamente, para verificar se o aluno aprendeu, de forma quantitativa, os conteúdos ensinados.

Nessa linha de raciocínio, Fernandes e Freitas (2008, p. 20), fazem alguns questionamentos que nos possibilitam refletir sobre as concepções de educação, ensino e aprendizagem, que certamente, norteiam os processos avaliativos: “para que é feita a avaliação na escola? Qual o lugar da avaliação na escola? Qual a função da avaliação, a partir do papel da educação escolar na sociedade atual?”

Historicamente, a avaliação vem sendo pautada predominantemente, por um processo que concebe a prova como instrumento principal para medir o conhecimento do aluno. É importante que os professores lancem mão das diversas formas de avaliar, isto é, existem diversos instrumentos de avaliação, como: relatórios, interpretações, portfólio e outros, que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Ao avaliar a aprendizagem do aluno, é necessário que o docente veja o processo não como um tribunal de julgamento, mas, como uma forma de aperfeiçoar as oportunidades que estão sendo postas para assegurar a aprendizagem. Podemos afirmar, que o ato de avaliar é ficar atento ao conhecimento produzido pelo o aluno. Diante disso, Hoffmann (2005, p. 46):

[...] para que se reconstrua o significado da ação avaliativa, é necessário revitalizá-la no dinamismo que encerra de ação-reflexão-ação no dia a dia das salas de aula. Em suma, avaliar não está dissociado do professor, a ele cabe manter uma observação permanente no objetivo de encontrar formas favoráveis para que o estudante desenvolva uma aprendizagem significativa diante da construção do conhecimento oportunizando lhe desafios.

A palavra chave para mudarmos as concepções e as práticas de avaliação é revitalizar, conforme nos informa a autora. Precisamos então, refletir sobre as práticas avaliativas desenvolvidas nossas escolas, daí a importância e relevância desse estudo em lançar luzes sobre o ato de avaliar na EFA Soinho.

2.1 Os tipos e as funções da avaliação da aprendizagem

Avaliar nos tempos de hoje, requer que os docentes recorram a diversos instrumentos de avaliação, como forma de melhor acompanhar o desenvolvimentos dos alunos nos processos de ensino e aprendizagem. O planejamento adequado é de suma importância para assegurar situações significativas de aprendizagem, como também, de acompanhamento dos avanços e das dificuldades dos alunos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394), aprovada em 1996, afirma que avaliação deve ser contínua, cumulativa e que os aspectos qualitativos sejam avaliados de modo a sobrepor o quantitativo. Para Luckesi (2002, p. 81) a avaliação:

[...] deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no

seu processo de aprendizagem. Se for importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos [...].

Dessa forma, percebemos que avaliação é um processo que objetiva o processo de aprendizagem dos alunos, dando ao professor, elementos para tomar decisões sobre a fragilidade que se encontra o discente e promover condições para que ele consiga aprender e dar continuidades nas etapas propostas pela escola.

Para facilitar o trabalho do professor, faz-se necessário o conhecimento dos tipos e das função da avaliação. A diagnóstica, permite que o professor tenha o controle do processo avaliativo durante todo o percurso de ensino e aprendizagem, por isso, deve ser aplicada logo no início do ano letivo, para que se tenha uma base do conhecimento prévio dos alunos sobre os conteúdos que serão ministrados, conforme a ementa e o plano de curso, mas também, deve ser estendida a cada bimestre (LUCKESI, 2003).

Dessa forma, entendemos que não existe uma única forma de avaliar, isto é, o professor não pode ficar preso a uma única tipologia, é necessário que ele diversifique seus usos, bem como, os instrumentos para que possa, de fato, assegurar a aprendizagem dos alunos. Para Luckesi (2003 p. 82), na avaliação diagnóstica:

[...] é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. No caso, considerarmos que ela deva estar comprometida com uma proposta pedagógica histórica-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o educando deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção. A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe uma forma solta isolada. É condição de sua existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista.

Segundo a perspectiva histórico-crítica, a realidade social não existe por casualidade, mas como produto da ação dos homens e só será transformada por meio de um contínuo processo de luta pela libertação das opressões e injustiças sociais que oprimem a humanidade, que assolam a dignidade das pessoas, principalmente, das menos favorecidas economicamente.

Nesse sentido, a educação é um processo de conscientização e de libertação do ser humano, a fim da transformação da realidade social. E, nesse sentido, a avaliação diagnóstica investiga continuamente o desenvolvimento do aluno, com vista a garantir meios para despertar sua consciência crítica, isto é, que ele tenha a capacidade de fazer leitura crítica de mundo.

A avaliação somativa tem como objetivo, classificar os alunos no final do ano. Isso ocorre mediante os resultados alcançados de acordo com as normas estabelecidas pela escola. Ao tratar sobre este tipo de avaliação, Loch (2000, p. 31) afirma que o processo avaliativo somativo não se caracteriza apenas por aplicar exames e emitir notas,

[...] não é dar notas, fazer médias, reprovar ou aprovar os alunos. Avaliar, numa nova ética, no sentido da construção, da conscientização, busca da auto crítica, autoconhecimento de todos os envolvidos no ato educativo, investindo na autonomia, envolvimento, compromisso e emancipação dos sujeitos.

Conforme observamos, não se trata apenas de classificar os alunos de acordo com seus rendimentos e hierarquizar-los, mostrando quem é melhor ou não, mas, de desenvolver o processo de avaliação, evidenciando os avanços e os desafios, quem está, ou não, apto a ser aprovado e seguir em frente.

E, por último, citamos a avaliação formativa, que procura avaliar o aluno no cotidiano, para que o mesmo tenha conhecimento de suas fragilidades de aprendizagem e possa prosseguir seus estudos de forma solidificada. Hadyt (1997, p. 292-293) enfatiza que essa avaliação:

[...] pode contribuir para o aperfeiçoamento da ação docente, fornecendo ao professor dados para adequar seus procedimentos de ensino às necessidades da classe. A avaliação formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem fazendo-o conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las [...].

Nessa perspectiva, a avaliação formativa contribui de forma significativa para o melhoramento da prática pedagógica e também, fortalece a parceria com o aluno, servindo de motivação para que ele continue seus estudos sistemáticos.

Percebemos assim, que a avaliação formativa traz uma nova abordagem para o processo educativo, uma vez que aluno e professor são parceiros nesse andar avaliativo. Para concretizá-la, é necessário que o professor saia de sua zona de conforto e faça uma verdadeira revolução no ato de avaliar.

2.2 As dificuldades dos professores em realizar a avaliação na perspectiva formativa mediadora

Refletir sobre a avaliação no cotidiano escolar, com ênfase nas dificuldades dos docentes em desenvolver avaliações numa perspectiva formativa e mediadora não é uma tarefa fácil, mas não deixa de ser um assunto de grande importância pelos resultados que podem implicar na formação dos discentes. Hoffmann (1991), discutindo sobre a avaliação mediadora como uma relação dialógica na construção do conhecimento, afirma que essa perspectiva pode ser traduzida como: “ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as” (HOFFMANN, 1991, p. 67).

Sabemos que não é tão simples estabelecer o diálogo proposto pela perspectiva formativa mediadora, uma vez que, vários critérios e princípios precisam ser analisados para que, de fato, possamos concretizar a avaliação dialógica na construção do conhecimento. Uma das implicações diz respeito ao fato do processo avaliativo envolver vários sujeitos: professores, diretores,

coordenadores, pais e responsáveis, dificultando a busca de consensos sobre o que e de forma avaliar.

No entanto, muitas vezes, esse processo não se concretiza em sua plenitude, porque acredita-se que as decisões e as ações da avaliação da aprendizagem competem apenas ao professor, ficando a seu critério, a responsabilidade total pelo processo. Contudo, para que a aprendizagem ser construída, de fato, é necessário que toda a comunidade escolar participe.

É bem verdade que, o professor tem autonomia do desenvolvimento de situações de aprendizagem e que possibilitem a construção do saber pelos estudantes, o que inclui, pensar a avaliação. Dessa forma, o docente não pode se eximir de sua responsabilidade em estabelecer diálogo em torno das práticas avaliativas, na perspectiva de uma formação cidadã que possibilite a construção de conhecimentos, a partir dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

A avaliação formativa propõe que o professor acompanhe o estudante metodicamente ao longo do processo educativo, podendo saber, em determinados períodos, o que ele aprendeu, em face dos escopos indicados. Esta não é uma tarefa fácil. Como docente, sentimos na pele, as inúmeras dificuldades que envolvem a avaliação, entre elas: a falta de condições de trabalho, o desinteresse dos alunos, a grande quantidade de alunos que temos que acompanhar durante o processo avaliativo. A título de ilustração, um professor de Biologia ministra aulas para em média 13 (treze) turmas, correspondendo a um total de aproximadamente 390 (trezentos e noventa alunos). Nesse ínterim questionamos: como desenvolver a avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa e mediadora, atendendo a este quantitativo de alunos?

Ficam claras as dificuldades dos professores em realizar a avaliação formativa mediadora, a partir de suas condições de trabalho ou mesmo, dos processos formativos pelos quais passou: uma formação tradicional, a qual, em muitos casos, por ser predominantemente teórica e apartada da realidade, não

fornece meios para que os professores trabalhem a avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa e mediadora. Sem condições de trabalho e com deficiências nos processos de formação, muitos professores reproduzem o modelo tradicional e perverso, sem nem perceberem que estão reproduzindo. Segundo Hoffmann (1991, p. 55):

As hipóteses que aponto dizem respeito a uma percepção de que os professores estariam considerando a perspectiva de avaliação mediadora uma prática impossível, ou difícil, porque tal perspectiva exigiria deles uma relação intensa em tempo com seus alunos e direta, a partir de um atendimento que se processaria individualmente e através de uma comunicação verbal por meio de explicações, orientações e encaminhamentos. Tal prática seria dificultada, assim, pelo panorama da Escola atual: número de alunos por turma, carga horária das disciplinas, tempo disponível do professor para atendimento individual aos alunos etc.

Como podemos observar, muitos são os empecilhos para que aconteça a avaliação formativa mediadora, é necessário, entre outras questões já destacadas, que o professor saia de sua zona de conforto e procure revolucionar sua sala de aula, pois a avaliação, como ação desenvolvida pelo professor e aluno, só terá sucesso, diante do interesse de ambos, uma vez que, não adianta só o docente querer, o aluno também, tem que estar disposto ao aprendizado.

Para que a avaliação formativa mediadora seja efetivada, nós professores, precisamos nos despir daquilo que entendemos como adequado no processo avaliativo escolar, pois geralmente, esses entendimentos estão cheios de prática, representações que fazem parte de nossa formação acadêmica e que, nem sempre, condizem com uma forma inovadora de avaliação. Essa maneira tradicional de avaliar é muito forte, ainda hoje, nas salas de aula. Dessa forma, precisamos desconstruir as práticas tradicionais, imbricada na formação do professor e nas práticas da Educação Básica e trabalhar em prol de processos formativos mediadores.

Nossa cultura escolar, predominantemente caracterizada pelo uso de avaliações classificatórias, tendo o exame como principal elemento, acaba

dificultando a realização de processos avaliativos formativos e mediadores. Não é fácil romper com o modelo tradicional, baseado na cultura meritocrática, onde se naturalizou o sistema de notas, a fim de ranquear os piores e melhores resultados, enaltecendo a cultura da reprovação.

Segundo esse modelo classificatório, os melhores serão aprovados e seguirão em frente, e, os piores, ficarão para trás. O pior é que essas concepções foram legitimadas ao longo do tempo em nossas práticas e acabamos esquecendo de pensar sobre a avaliação formativa mediadora, que nos permite um melhor resultado na aprendizagem.

Infelizmente, em nossas escolas, os aspectos quantitativos ainda são supervalorizados, em detrimento o qualitativo, embora seja inconcebível o fato do aluno ser avaliado sem considerações sobre os aspectos qualitativos. É nossa responsabilidade, como professor, romper com esse modelo arcaico de avaliar e procurar acompanhar o aluno em todas as suas dimensões, valorizando os aspectos cognitivos, sociais, culturais, entre outros.

Hoffmann (1991) nos apresenta duas formas para facilitar a avaliação formativa: uma é o diálogo, pois sem a conversa entre as parte é impossível acontecer a avaliação formativa mediadora, agora, esse diálogo não é apenas conversar por conversar, mas buscar um entendimento a respeito das propostas aplicadas e da razão pela qual são desenvolvidas. A segunda forma é o acompanhamento da prática pedagógica, bem como, orientações que ajudem o professor a desenvolver melhores estratégias de avaliação. A autora também nos informa que o diálogo e o acompanhamento não são suficientes para se afirmar que, de fato, está acontecendo a avaliação formativa mediadora. De acordo com Hoffman (1991, p. 56):

A avaliação, enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno uma conexão entendida

como reflexão aprofundada a respeito das formas se dá a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento.

Assim, entendemos a avaliação formativa mediadora como um processo voltado para melhorar a aprendizagem aluno no presente e no futuro, isto é, uma relação de reflexão carregada de implicações e significados que contribuem para um melhor aprendizado do discente. Até mesmo porque, avaliar não é apenas atribuir uma nota. Dessa forma, entendemos que o processo de avaliação formativa não é um modelo novo, o que tem de novidades são as sugestões de mudanças nas práticas, que permitem ao aluno melhorar a sua aprendizagem.

Um dos fatores que dificultam a utilização da mesma, diz respeito a estrutura burocrática na qual as escolas estão inseridas, onde o professor é obrigado a realizar uma prova mensal e a informar notas em período de tempo estabelecido pela instituição escolar. Mesmo assim, é necessário que os professores se reinventem e coloquem a aprendizagem dos estudantes em primeiro plano, fornecendo subsídios para que eles possam aprender.

Assim, a avaliação formativa mediadora conduz o professor para uma mudança de foco. Ao invés de se preocupar apenas em passar conteúdos e utilizar provas para medir o conhecimento dos alunos, passa a se preocupar mais com aprendizagem dos alunos, provocando mudanças em sua prática pedagógica e o seu resultado qualitativo. O professor deixa de ser um mero passador de informações textuais, tornando-se um mediador da aprendizagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do processo de análise das respostas do questionário e das falas das rodas de conversas, definimos três unidades temáticas, contendo as seguintes categorias: concepções de avaliação dos professores; estratégias e instrumentos de avaliação da aprendizagem utilizados pelos professores; e os

desafios e as perspectivas apontadas pelos docentes na avaliação da aprendizagem.

3.1 Concepções de avaliação da aprendizagem

Ao discutir a avaliação da aprendizagem, é preciso considerar que ela é a ponta do iceberg visível do processo de ensino e aprendizagem, devendo ser analisada para além da simples aparência do fenômeno, indo a seus determinantes, leis e fundamentos. A forma como os professores realizam-na, possui estreita relação com as concepções e práticas de ensino, assim, avaliação e ensino caminham juntos, pois a primeira é parte intrínseca do segundo.

Fernandes e Freitas (2008) ressaltam a importância de refletirmos sobre nossas práticas no dia a dia na sala de aula, principalmente, sobre as formas de avaliar nossos alunos, pois segundo esses autores, nem sempre os nossos discursos estão alinhados com nossas práticas e esse distanciamento pode prejudicar o processo de avaliação na escola.

A análise do conteúdo dos questionários evidenciou a prevalência de concepções ancoradas na perspectiva da pedagogia tecnicista, isto é, a avaliação focada na verificação do alcance dos objetivos, conforme evidenciam os fragmentos abaixo:

PROFESSOR 01: *Resultado do assunto tratado em sala de aula.*

PROFESSOR 02: *Prova contextualizada, por que prepara o aluno para o ENEM.*

PROFESSOR 03: *Prova escrita, porque ela dar uma visão geral do alcance do objetivo.*

Nas falas dos professores, observamos a prática de avaliação nos moldes tecnicista, isto é, uma forma de avaliação focada no quantitativo de resultados, instrumento utilizado apenas como coleta de dados, servindo assim, como

elemento de aprovação e reprovação. Segundo Hoffmann (1993, p. 87), a avaliação:

[...] tem se caracterizado como disciplinadora punitiva e discriminatória, como decorrência, essencialmente, da ação corretiva do professor e dos enunciados que emite a partir dessa correção. Daí a crítica que faça sobre a utilização de notas, conceitos, estrelinhas, carimbos, e outras menções nas tarefas dos alunos. O sentido discriminatório da avaliação começa neste momento. As crianças comparam as tarefas entre si, o número de estrelinhas, [...], classificam-se, elas mesmas, [...].

Verifica-se que essa prática está voltada para o exame, provocando uma tirania, que nada tem a ver com a aprendizagem, pois esse tipo de avaliação acaba marginalizando e excluindo o aluno.

Também evidenciamos presença da Pedagogia Sociocultural, preocupada com a formação do cidadão crítico. É válido salientar que, essa tendência pedagógica dialoga com as proposições da Educação do Campo.

PROFESSOR 02: *É uma forma sistemática para o acompanhamento do aluno. É importante porque é uma forma de rever sua prática.*

PROFESSOR 03: *Instrumento aliado do professor para se ter uma visão acerca do que está sendo trabalhado. Serve como reflexão para o professor e para o aluno. Entre as estratégias, eu faço o acompanhamento em sala de aula e sempre procurar a melhor forma de trabalhar o assunto.*

Ao analisar as respostas dos professores, percebemos que a avaliação da aprendizagem só surte efeito, a partir do momento que professor perceber a importância da interatividade entre docente e discente. É essa reciprocidade que vai contribuir para o aprendizado do aluno. Dessa forma, não podemos pensar o homem em sociedade, sem levar em conta a sua realidade.

Não observamos contradições no que se refere as concepções de avaliação e sua finalidade na escolha de instrumentos para avaliar os discentes. Contudo, a escola está passando por um processo de estadualização, fato que

implicará na adoção do modelo de avaliação adotado pela Secretaria Estadual de Educação, criando certa crise de identidade entre o modelo estabelecido pela SEDUC e o modelo proposto pela a Pedagogia da Alternância.

Dessa forma, é necessário que o corpo docente dessa escola resista as práticas avaliativas burocráticas e, predominantemente, de caráter somatório, pois, segundo Luckesi (1999, p. 28), “a avaliação da aprendizagem escolar, em particular, são meios e não fins em si mesmos”. Dessa forma, a função do professor é proporcionar ao aluno, diversas possibilidades de aprendizagem, sempre estimulando e procurando novas formas de avaliar, a fim de que o processo avaliativo não se resuma apenas ao exame, e sim, em momentos de construção de conhecimento.

As concepções dos interlocutores, sobre o processo de avaliação, demonstram a relevância desse processo para a construção do conhecimento. Eles foram enfáticos em dizer que é uma forma de acompanhar o aluno, um instrumento aliado do professor e, até mesmo, uma forma de analisar a prática docente.

Estratégias e instrumentos da avaliação da aprendizagem

Quando os sujeitos foram questionados sobre quantos e quais os instrumentos utilizam em suas avaliações, foram unânimes em responder que são quatro, desde seminários, provas escritas, grupo de discussão e, até mesmo, tempestade de ideias, demonstrando assim, a diversidade de instrumentos de avaliação. A utilização de diversos instrumentos possibilita ao docente, condições para obter uma gama maior de informações, e, a partir delas, planejar intervenções para que os alunos possam avançar em suas dificuldades.

Sabemos que não existe instrumento avaliativo completo em si mesmo, daí a necessidade de diversificação dos usos. A título de ilustração, o Quadro 02 apresenta detalhamento de alguns dos mais utilizados pelos professores.

Quadro 02: Caracterização de instrumentos de avaliação

INTRUMENTO	VANTAGENS
Prova dissertativa	Permite que o aluno utilize sua própria linguagem, e manifeste sua capacidade de expressão e criatividade e nível de compreensão, possibilita menor probabilidade de acerto casual; Possibilita a avaliação de aprendizagens que envolvam capacidade de organizar informações e dispô-las sob a forma escrita, requerendo menos tempo para elaboração.
Provas objetivas	Apresentam opções de respostas para um exame crítico; não se cobrando apenas memorização, uma vez que exigem análise, e comparação. Também um maior âmbito do conteúdo, uma amostra maior dos conhecimentos trabalhados. Proporciona julgamento simples e objetivo e de correção rápida.
Observação	A observação como instrumento de avaliação constitui fator decisivo na promoção da reflexão sobre o processo avaliativo melhorando a qualidade do ensino e aprendizagem, possibilitando aproximação entre professor e aluno, constituindo um forte elemento catalisador de informação para um melhoramento nos próprios instrumentos avaliativos.
Seminário	O seminário consegue abordar vários objetivos em apenas uma instância, apresentando algumas vantagens em relação à aula expositiva, tanto para o aluno, como para o professor. Para que se obtenha um bom resultado na sua avaliação é importante que se tenha um instrumento de avaliação que compreenda a totalidade do seminário, desde a pesquisa inicial do tema, até sua apresentação final, incluindo todas as etapas que foram envolvidas no trabalho.
Grupo de discussão e tempestade de ideias	O grupo de discussão é um importante instrumento de avaliação no processo ensino aprendizagem, pois permite o professor um acompanhamento mais próximo das participações do aluno e da qualidade de inclusão nas propostas avaliativas do professor. Não menos importante é instrumento avaliativo tempestade de ideias que se trata de uma dinâmica em grupo que ajuda o docente explorar as habilidades dos discentes no que diz respeito a capacidade criativa de responder de acordo com os objetivos propostos.

Fonte: do pesquisadores (2018), com base na pesquisa de campo

Os instrumentos de avaliação têm como finalidade, conhecer o aprendizado dos alunos, para que, de posse desses resultados, os professores possam planejar estratégias de ensino, ajustar ações pedagógicas que favoreçam a aprendizagem. De forma geral, todo instrumento de avaliação tem como finalidade, obter informações sobre os avanços e as dificuldades do aluno. Nesse sentido, Hoffmann (2005, p.47) afirma:

O processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo o aluno das nações em estudo, ou no entendimento de todos os tempos equivalentes. Essencialmente, porque não há parada ou retrocesso nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a progredir sempre.

Assim, compreendemos que o instrumento de avaliação de aprendizagem tem como função, mostrar aos professores, os ritmos e os caminhos diferentes da aprendizagem, daí a necessidade de um olhar plural do docente para perceber essas sutilezas.

De acordo com Hoffmann (1993, p. 56), “o educador, na educação problematizadora, refaz e constrói, constantemente, o seu conhecimento na capacidade de conhecimento dos seus educandos.” Este fazer diário do professor é que se constrói com maior eficácia os instrumentos de avaliação, sempre problematizando a capacidade de aprendizado do discente.

Conforme os professores pesquisados, o instrumento que utilizam com mais frequência é a prova escrita. Justificam a escolha, afirmando que ela fornece uma visão mais ampla dos assuntos ministrados e prepara melhor os estudantes para avaliações externas. Essa visão contraria Garcia (1999, p. 41), quando ressalta que “o prazer de aprender desaparece quando a aprendizagem é reduzida a notas e provas”. Agindo assim, o professor desencadeará um efeito cascata no processo avaliativo, pois o aluno irá apenas decorar os conteúdos para se sair bem na prova.

Os depoimentos dos interlocutores também são contrariados pela concepção de Paulo Freire (2006), ao afirmar que a educação bancária percebe o processo de avaliação da aprendizagem apenas como verificação da memorização de dados pelos alunos. Não é que a memorização não seja importante, o que não se pode fazer é castrar as possibilidades dos alunos, de fazer leitura de mundo e experimentar outras estratégias de avaliação. Assim, Moretto (2003) informa que o processo de memorização em nada vai adiantar,

se esse aluno não conseguir fazer a relação da importância do conteúdo em sua vida cotidiana.

No que diz respeito a discussão dos resultados da avaliação com os alunos, todos os professores afirmaram que procuram corrigir os erros e discutir com os estudantes. Conforme Luckesi (1999, p. 175), a avaliação da aprendizagem é um ato amoroso, na medida em que inclui o educando no seu percurso de aprendizagem. Esse processo, para ser efetivamente construção, necessita incluir, “seja do ponto de vista individual, integrando a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, seja do ponto de vista coletivo, integrando o educando num grupo de iguais, o todo da sociedade”.

Por isso, devemos entender a avaliação como um ato amoroso, no sentido de respeitarmos os nossos alunos, levando em conta, as suas diferenças de ritmos de aprendizagem, pois, muitas vezes, o fracasso escolar se concretiza pela ausência dessa compreensão por parte do professor. Assim, é necessário que fiquemos atento às diferentes formas de aprendizagem e avaliação, para que assim, possamos ter sucesso no processo educacional.

Também, procuramos saber a frequência com que os alunos são avaliados. De acordo com o questionário e a roda de conversa, os professores afirmaram que é bimestralmente, enfatizando que essa é uma exigência da coordenação, mas também, disseram que avaliam diariamente, como forma de diagnosticar o conhecimento. Assim, entendemos que desenvolvem processos de avaliação formativa, objetivando oportunizar o aluno, a construção do seu conhecimento, em diferentes tempos e espaços, bem como, fornecer meios para que possam avançar.

A esse respeito, Gonçalves e Larchert (2011, p. 58) afirmam que a avaliação formativa se “refere ao processo formativo da aprendizagem do aluno, sempre informando sobre os avanços e as dificuldades tanto do processo de ensinar como do processo de aprender, dentro da concepção crítica e progressista da educação”. Assim, ela tem como finalidade, a inclusão do aluno,

fornecendo elementos ao professor para localizar as falhas do processo avaliativo, para que o docente corrija essas falhas e atinja os objetivos de aprendizagem.

Quando os sujeitos foram questionados sobre a prova, como elemento que reflete a aprendizagem dos alunos, todos responderam que não, pois segundo eles, nem sempre a prova reflete a totalidade do conhecimento, uma vez que, diversos fatores interferem para que os alunos, às vezes, não obtenham resultados satisfatórios. É importante que o professor fique atento a essas respostas do aluno, pois segundo Hoffmann (1993, p. 81), “a resposta do professor deve ser verdadeira e desafiadora” e esse desafio é uma forma do professor também refletir sobre suas práticas avaliativas.

Dificuldades e perspectivas no processo de avaliação da aprendizagem

É bem verdade que o professor também tem dificuldades de avaliar. A respeito dessa questão, os sujeitos pesquisados enumeraram algumas questões, entre elas, a dificuldade de aprendizagem dos alunos, de nivelamento da aprendizagem, de demonstração dos conhecimentos aprendidos, entre outros. Seus depoimentos demonstram que não é fácil avaliar, pois várias questões estão envolvidas e, portanto, o professor tem que tomar cuidado para não se tornar um juízo injusto, condenando inocentes sem prova. Assim, Perrenoud (1999, p. 66) afirma que:

[...] soltando as amarras da avaliação tradicional, facilita-se a transformação das práticas de ensino em pedagogias mais abertas, ativas, individualizadas, abrindo mais espaço à descoberta, à pesquisa, aos projetos, honrando mais os objetivos de alto nível, tais como aprender a aprender, a criar, a imaginar, a comunicar-se.

A respeito desse assunto, Hoffmann (1993, p. 87) diz que a “escola é a constante correção de verdade ainda provisória do educando, impedindo-lhe que

formule hipóteses a partir de suas próprias descobertas, transmitindo-lhe verdades que ele teria condições de descobrir”.

Afinal, o que o professor leva em consideração no processo de avaliação? Segundo os professores, eles consideram a participação do aluno, bem como, a superação das dificuldades ao longo do processo. Assim, o importante é prestar atenção nos alunos, para, a partir daí, perceber os avanços e as dificuldades e fornecer meios para que todos possam aprender.

Sobre as mudanças nas formas de avaliar, os interlocutores afirmaram que é necessário ampliar o acompanhamento dos alunos, buscar formas de conhecê-los melhor e despertar o interesse, pois eles aprendem mais quando o conteúdo é relevante e pode ser aplicado na vida cotidiana. O aluno assimila os conteúdos à medida que internaliza experiências vividas, tornando-as propriamente suas. Não basta reproduzir reflexamente as informações recebidas.

Nesse sentido, para mudar as práticas avaliativas, implica em desenvolver processos formativos críticos e reflexivos, através dos quais, os professores reflitam sobre suas concepções de educação e os interesses subjacentes às mesmas.

Segundo Hoffmann (2005), os processos avaliativos adotados pelos professores se fundamentam em valores morais, concepções de educação, de sociedade e de sujeito. São essas as concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido. Desse modo, reestruturar as práticas avaliativas sem que os professores compreendam os objetivos da educação e sua relevância para a formação humana é como preparar as malas, sem saber o destino da viagem.

Dessa forma, a pesquisa aponta que os professores da EFA Soinho se utilizam de diversos instrumentos de avaliação no processo de ensino e aprendizagem escolar. Vale salientar que, a avaliação tem que ser entendida como parte do processo, pois avaliar a aprendizagem é também, avaliar as práticas pedagógicas em sua totalidade no âmbito escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral, analisar as práticas de avaliação utilizadas pelos professores da EFA Soinho. A análise dos dados produzidos através de questionários aplicados com três professores, demonstra que a avaliação da aprendizagem é um processo amplo, que envolve a observação, o registro, a análise e a intervenção em relação às aprendizagens, os conhecimentos e os saberes obtidos pelos estudantes ao longo de todo o processo. Trata-se de um instrumento importante na prática pedagógica do professor.

A partir de um olhar crítico, a avaliação é um elemento importante na construção do conhecimento, tanto pelos alunos, quanto pelos professores. A pesquisa traz em sua essência, a proposta de reflexão sobre as formas de avaliação desenvolvidas pelos docentes, procurando mostrar as diferentes tipologias e os instrumentos existentes, evidenciando os desafios relacionados às condições de trabalho, a estrutura burocrática que caracteriza a cultura escola, a deficiência dos processos de formação de professores, entre outros aspectos, que, certamente, interferem nas práticas avaliativas.

Referente aos instrumentos utilizados nos processos avaliativos, evidenciamos que os professores pesquisados lançam mão de diferentes instrumentos, entre eles: prova escrita, seminários, tempestades de ideias, observação e grupo de discussão, entre outros, e que, os resultados são discutidos com os alunos para que eles percebam os erros e reconheçam seus avanços. Também, ficou clara a dificuldade de utilizar esses diversos instrumentos, devido o curto tempo em sala de aula, isto é, como a escola trabalha em regime de alternância, o professor fica um pouco limitado.

Sobre as estratégias de avaliação mais utilizadas, os professores pesquisados afirmaram que procuram de forma dialógica, desenvolver atividades, através das quais, os alunos tenham maior compreensão dos

assuntos discutidos em sala de aula. Mas também, ficou evidente a prevalência de uma concepção tradicional de avaliar, principalmente, no que diz respeito ao instrumento de avaliação, pois o mais utilizado é a prova escrita.

Através desta pesquisa, identificamos que o processo de avaliar não é tão fácil, pois envolve estudantes com diferentes ritmos de aprendizagem. Também, foi possível perceber que, a avaliação não é a totalidade de todo o processo educacional, mas apenas um meio para apontar as possíveis interferências do professor, de modo a garantir a aprendizagem de todos os alunos.

No tocante às dificuldades para realizar processos de avaliação formativa e mediadora, evidenciamos que a estrutura burocrática de organização de um calendário escolar, definindo períodos de provas, a falta de acompanhamento pedagógico, a ausência de formação em serviço, as longas jornadas de trabalho dos professores, a quantidades de alunos acompanhados, entre outros, são fatores que dificultam a implementação de processos avaliativos contínuos, individualizados, inclusivos, conforme propõe Hoffmann ao tratar sobre a avaliação formativa e mediadora.

Ao final da trama investigativa, percebemos que é necessário desmitificar a avaliação, percebida como algo que provoca terror dos alunos. Dessa forma, é importante formar continuamente os professores, para que atuem como mediadores do processo de avaliação, tornando-o inclusivo e não segregador como tem sido, predominantemente.

Compreendemos que avaliar é uma tarefa complexa, uma vez que, não existe uma fórmula mágica para esse processo, sendo importante que o professor se coloque a disposição para aprender e reelaborar a sua prática pedagógica, colocando a serviço de uma educação problematizadora e inclusiva, capaz de despertar o interesse dos estudantes e contribuir significativamente para a formação dos mesmos.

5 REFERÊNCIAS

FERNANDES, C.; FREITAS, L. C. **Indagações sobre o currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, A. L.; LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem: Pedagogia**. Módulo 4, volume 6. Ilhéus: Editus, 2011.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré- escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1993.

HOFFMANN, Jussara M. L. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOCH, Valdeci Valentim. **Jeito de avaliar**. Curitiba: Renascer, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade.
Petrópolis: Vozes, 2009.